

# SINAIS DOS TEMPOS

## *Diversidade Religiosa no Brasil*

Leilah Landim (org.) • Zelia Seiblitz • Pe. Jesús Hortal •  
Regina Célia Reyes Novaes • José Rodorval Ramalho • Francisco Cartaxo Rolim •  
Hugo Assmann • Mariza de Carvalho Soares • Sandra Tosta Faillace •  
Edin Sued Abumanssur • Paula Montero • Marcio Goldman •  
José Jorge de Carvalho • Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti •  
Bernardo Sorj • Roberto Bartholo Jr. • Arminda Eugenia Campos •  
Ricardo Maria Gonçalves • Geraldo José de Paiva • Ana Cristina de Abreu •  
Luiz Rodolfo da Paixão Vilhena • Priscila S. Kuperman • Isabel Santiago •  
Pe. Pedrinho A. Guareschi • Regina Abreu • Luiz Eduardo Soares •



*SINAIS DOS TEMPOS*  
*Diversidade religiosa no Brasil*

*Leilah Landim (org.)*



Instituto de Estudos da Religião

*Rio de Janeiro*  
*1990*

Copyright © 1990 by ISER  
Instituto de Estudos da Religião  
Ladeira da Glória, 98  
CEP 22211 Rio de Janeiro-RJ  
Brasil  
Tel: 265-5747



**Secretário-executivo e coordenador do programa "Publicações" do ISER:**  
*Rubem César Fernandes; Equipe de realização: Secretário de Redação:*  
*Flávio Lenz; Preparação de originais: Nivaldo Jesus Freitas de Lemos;*  
*Revisão: Oscar Guilherme, Márcio Cavalcanti e Márcio Alexandre M.*  
*Gualberto; Programação Visual: Cecília Leal; Capa: Alba Regina D'Almeida*  
*Medeiros; Arte-final: Nádia Turle e Fabiana Igrejas*

## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i> .....	7
Zelia Seiblitz	
<i>Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade</i> .....	9
Pe. Jesús Hortal, S.J.	
<i>As Igrejas Brasileiras</i> .....	19
Pe. Jesús Hortal, S.J.	
<i>As Igrejas Orientais no Brasil</i> .....	27
Regina Célia Reyes Novaes e José Rodorval Ramalho	
<i>Borboletas Azuis: mediunidade, catolicismo e a espera da nova mensagem</i> .....	37
Francisco Cartaxo Rolim	
<i>Assembléia de Deus</i> .....	47
Francisco Cartaxo Rolim	
<i>Congregação Cristã no Brasil</i> .....	53
Francisco Cartaxo Rolim	
<i>Igreja Pentecostal Deus É Amor</i> .....	59
Hugo Assmann	
<i>A Igreja Eletrônica</i> .....	65
Mariza de Carvalho Soares	
<i>Guerra Santa no país do sincretismo</i> .....	75
Sandra Tosta Faillace	
<i>Testemunhas de Jeová</i> .....	105
Edin Sued Abumanssur	
<i>Mórmons</i> .....	111
Paula Montero	
<i>Umbanda</i> .....	119
Marcio Goldman	
<i>Candomblé</i> .....	123
José Jorge de Carvalho	
<i>Jurema</i> .....	131
José Jorge de Carvalho	
<i>Xangô</i> .....	139
Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti	
<i>Espiritismo</i> .....	147
Bernardo Sorj	
<i>Judaísmo</i> .....	157
Roberto Bartholo Jr. e Arminda Campos	
<i>O Islã no Brasil</i> .....	159
Ricardo Maria Gonçalves	
<i>O Budismo Japonês no Brasil</i> .....	167
Geraldo José de Paiva	
<i>Seicho-no-iê</i> .....	181

Geraldo José de Paiva	
<i>Instituição Religiosa Perfeita Liberdade</i> .....	187
Ana Cristina de Abreu	
<i>Hare Krishna</i> .....	195
Ana Cristina de Abreu	
<i>Rajneesh</i> .....	205
Luiz Rodolfo da Paixão Vilhena	
<i>A Astrologia e sua prática na sociedade brasileira</i> .....	213
Priscila S. Kuperman	
<i>Matéria Vida</i> .....	223
Isabel Santiago	
<i>Ananda Marga</i> .....	233
Pe Pedrinho A. Guareschi	
<i>Igreja da Unificação</i> .....	245
Regina Abreu	
<i>A Doutrina do Santo Daime</i> .....	253
Luiz Eduardo Soares	
<i>O Santo Daime no contexto da nova consciência religiosa</i> .....	265
<i>Autores</i> .....	275

## APRESENTAÇÃO

A miscelânea de textos aqui apresentada foi produzida em um contexto bem específico: o Programa “Diversidade Religiosa no Brasil”, desenvolvido no Instituto de Estudos da Religião (ISER), e encomendado pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), entre os anos de 1986 e 1987. (A exceção são os artigos de Mariza de Carvalho Soares e Luiz Eduardo Soares.)

As preocupações centrais que uniam cientistas sociais e religiosos do mundo cristão em torno do Programa diziam respeito não só ao conhecimento do nosso diversificado universo religioso, como também às suas transformações recentes. Como podem ser inventariadas e classificadas as diversas igrejas, grupos, movimentos religiosos que compõem esse universo, no Brasil, hoje? Onde buscar o sentido do aparecimento e do fortalecimento de “novas religiões” que atraem milhares de adeptos, na sua grande maioria provenientes das igrejas tradicionais? Quem adere às diferentes religiões, e por quê?

Vários debates foram travados em torno dessas questões. Os trabalhos publicados a seguir foram encomendados com a finalidade específica de subsidiar essas discussões, no ano de 1987. Isso explica a sua enorme diversificação de estilos, de pretensões, de abordagens: vão do verbete ao ensaio, da reportagem à etnografia. Passeiam, como se vê, por diferentes áreas do campo religioso brasileiro. Têm pretensão de abrangência, estando longe, no entanto, de percorrer todas as vertentes religiosas com que normalmente se classifica internamente esse campo.

O mosaico composto por esses textos, mesmo irregular e desigual, é certamente provocativo para quem se interessa por religião e cultura brasileira. Vem complementar os trabalhos publicados em dois outros **CADERNOS DO ISER** (n.ºs 21 e 22), também produzidos no decorrer do Programa “Diversidade Religiosa no Brasil”.

*Leilah Landim*

*Coordenadora do Programa “Diversidade Religiosa no Brasil” — ISER*

## AUTORES

- *Zélia Seiblit*: Antropóloga — ISER e PUCRJ.
- *Pe. Jesús Hortal*: Departamento de Teologia — PUCRJ.
- *Regina Célia Reyes Novaes*: Antropóloga e professora do IFCS/UFRJ, pesquisadora Associada do ISER.
- *José Rodorval Ramalho*: Antropólogo, Centro de Ação Cultural (CENTRAC), Campina Grande (PB).
- *Francisco Cartaxo Rolim*: Sociólogo — UFF.
- *Hugo Assmann*: Teólogo — Universidade Metodista Capixaba.
- *Mariza de Carvalho Soares*: Mestranda em Antropologia — Museu Nacional.
- *Sandra Tosta Faillace*: Antropóloga — Museu Nacional.
- *Edin Sued Abumanssur*: Pastor da IPU.
- *Paula Montero*: Doutora em Antropologia — USP.
- *Marcio Goldman*: Doutor em Antropologia — UFF.
- *José Jorge de Carvalho*: Professor do Departamento de Antropologia Social da UnB.
- *Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti*: Mestre em antropologia Social — Museu Nacional, coordenadora de Estudos e Pesquisa — Instituto Nacional do Folclore/FUNARTE.
- *Bernardo Sorj*: coordenador do Grupo de Trabalho “Religião e Revolução” — ISER.
- *Roberto Bartholo Jr.*: Doutor em Filosofia da Técnica-COPPE/UFRJ e ISER.
- *Armindia Campos*: Mestranda em Engenharia de Produção na área da Política, Ciência e Tecnologia do COPPE/UFRJ.
- *Ricardo Maria Gonçalves*: Departamento de História — USP.
- *Geraldo José de Paiva*: Departamento de Psicologia Social e do Trabalho — Instituto de Psicologia — USP.
- *Ana Cristina de Abreu*: Antropóloga, professora no Instituto Metodista Bennett.
- *Luiz Rodolfo da Paixão Vilhena*: Professor assistente de antropologia do IFCH da UERJ, doutorado em Antropologia Social do PPGAS do Museu Nacional/UFRJ.
- *Priscilla Kupermann*: Socióloga, doutoranda em Comunicação Social. Professora na graduação e pós-graduação da Escola de Comunicações da UFRJ.
- *Isabel Cristina Oliveira Santiago*: Programa de pós-graduação em Antropologia Social/UFRJ.
- *Pe. Pedrinho Guareschi*: Cientista Social.
- *Regina Abreu*: Antropóloga, pesquisadora do Museu Nacional, professora de antropologia da UERJ e realizadora do vídeo *Daime Santa Maria*, com o cineasta Noilton Nunes.
- *Luiz Eduardo Soares*: Antropólogo — IUPERJ, professor visitante do ISER.

## A DOCTRINA DO SANTO DAIME

Regina Abreu

O surgimento da Doutrina do Santo Daime está associado aos movimentos migratórios de nordestinos para trabalhar na extração da borracha na região amazônica.

Raimundo Irineu Serra, conhecido como o fundador da doutrina, chegou a esta região em 1912 para trabalhar nos seringais, vindo do Maranhão. Ele e outros seringueiros entraram em contato com grupos indígenas peruanos na selva fronteiriça do Brasil com o Peru, iniciando-se no consumo da *ayahuasca*, bebida utilizada em rituais mágico-religiosos por estes grupos.

A *ayahuasca*, resultado da infusão de um cipó — jagube — e de uma folha — chacrona —, é uma bebida cerimonial, veículo de revelação místico-religiosa.

Segundo Vera Fróes, no Acre, essa bebida, também conhecida por vegetal, caapi, iagê e santo daime, popularizou-se e vem sendo tomada “não só pelos índios e seringueiros, como também pelos habitantes dos municípios e da capital, Rio Branco, onde estão localizados vários centros espirituais nas cercanias da cidade. (...) No estado, que tem uma população de 300.000 habitantes, 120.000 pessoas com certeza já tomaram a bebida”.

Edilson Martins em seu livro *Makaloba* também faz referência a esta popularização da *ayahuasca* e até a um consumo desvinculado de atividades religiosas na região acre-amazônica.

Em 1920, o seringueiro Irineu mudou-se para Rio Branco abandonando os seringais. Dez anos depois, iniciou seu trabalho espiritual com alguns companheiros. Em 1945, recebeu de um político da região uma área de terra, fundando o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, o Alto Santo.

Entre os freqüentadores do Alto Santo, estava um seringueiro que havia se retirado com toda sua família de um seringal nas margens do rio Juruá (AM) para fixar-se nas cercanias de Rio Branco.

Sebastião Mota Melo passou a freqüentar o Alto Santo em busca de cura. Morava na Colônia Cinco Mil, situada no quilômetro nove da estrada de Porto Acre e que ficou assim conhecida porque com a desativação do Seringal Empresa, a terra foi loteada em colônias e vendidas a cinco mil cruzeiros antigos, cada uma.

Com a morte do mestre Irineu em 1971 ocorreram disputas com relação ao seu sucessor.

Sebastião Mota Melo não aceitou a liderança do presidente então empossado e decidiu criar seu próprio centro. Acompanhado da família e de alguns companheiros, passou a desenvolver os traba-



lhos espirituais em sua própria casa. Vera Fróes relata que, em 1976, a Colônia Cinco Mil passou a vivenciar uma experiência comunitária, através da união de 25 colônias ao redor, num total de 380 hectares, congregando 45 famílias de ex-seringueiros e agricultores, cerca de 300 pessoas.

E ali foi fundado o Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra — Cefluris. Liderada por um mestre espiritual, o Padrinho Sebastião, a reunião religiosa em torno da Doutrina do Santo Daime veio junto com a criação de uma base econômica comum para a subsistência do grupo. No transcorrer da década de 70 muitas pessoas afluíram à comunidade: viajantes que por ali passavam, *hippies*, profissionais liberais, nordestinos “expulsos” pelas secas, gente do sul e estrangeiros de procedência latino-americana. As razões deste afluxo são bastante variáveis.

Conseguimos detectar pelo menos três grupos de visitantes nesse período. O primeiro constituía-se de pessoas atraídas pelo *fenômeno* propriamente dito, ou seja: estudiosos interessados em conhecer e investigar sobre a Doutrina do Santo Daime e seus adeptos. Nesse grupo podemos destacar psicólogos e médicos de grandes centros urbanos atraídos pelo valor terapêutico e medicinal do daime, estudantes de Rio Branco, jornalistas, historiadores, sociólogos, antropólogos, fotógrafos, cinegrafistas e representantes do governo local (mais tarde, em 1982, serão encaminhados à região representantes dos Ministérios da Justiça e do Exército).

No segundo grupo estavam todos aqueles que buscavam a *cura* para seus problemas individuais. A maior parte eram pessoas da própria região alegando doenças de nervos, raivas, depressões, dores de cabeça, enfim, tanto problemas do próprio corpo, tipo úlcera ou dificuldades cardiovasculares, como também problemas ou doenças difusas, sem uma razão aparente, incompreensíveis, que são sempre classificadas no terreno pouco palpável dos nervos ou da própria alma.

O terceiro grupo era formado por pessoas cujo objetivo ao aportar na Colônia Cinco Mil era essencialmente *religioso*. Ou seja, gente atraída pela doutrina e pela filosofia subjacente a ela. Esse grupo era o menos homogêneo em sua composição e congregou também elementos dos dois primeiros grupos. Pois, se num primeiro momento o indivíduo vinha atraído pelo *fenômeno* ou pela *cura*, não foram poucos os casos em que a *religião* se impôs transformando a sua própria vida.

Pesquisa realizada por Vera Fróes registra, de 1974 a 1980, um total de 1.200 pessoas que chegaram à Colônia Cinco Mil, procedentes de outras regiões do Brasil e de vários países da América La-

tina e da Europa. Algumas dessas pessoas decidiram permanecer na colônia, *convertendo-se* aos preceitos da doutrina. Um dentista argentino, um engenheiro e pintor (artista) chileno, um artesão e técnico em motores italiano, um sociólogo mineiro são alguns exemplos. Estas pessoas integraram-se na comunidade casando-se e passando a desempenhar suas profissões no local. O dentista passou a atender os próprios elementos da comunidade; o artista pintou os afrescos da igreja; o sociólogo tornou-se o leitor oficial, interpretando para os muitos elementos iletrados da comunidade os textos que ali chegavam através dos visitantes. Com este intercâmbio cultural, a comunidade ganhou dinamismo e se organizou. A chegada de pessoas letradas e com alguma especialização técnica forneceu ao grupo original de ex-seringueiros e agricultores novos instrumentos para a vida na região. Os novos adeptos sabiam ler, escrever, contar, planejar e tudo isso podia ser somado para a perpetuação e difusão da comunidade e da doutrina.

A tendência foi crescer, não apenas pela entrada de elementos oriundos de regiões distantes, como pelo aumento do número de pessoas que chegavam à comunidade do Padrinho Sebastião vindas da própria região amazônica.

Os anos 80 inauguram uma nova etapa na vida da comunidade do santo daime.

Segundo o Padrinho e seus seguidores, a proximidade da Colônia Cinco Mil à área urbana — Rio Branco — dificultava a solidificação dos laços comunitários. A isso somavam-se o desgaste das terras e o crescimento da comunidade.

Vera Fróes aponta que, nos anos 80, as feições da região amazônica sofreram uma grande transformação como saldo da implantação de uma política econômica levada a cabo nos anos anteriores.

Visando estabelecer a pecuária na região, essa política ocasionou a devastação dos seringais e castanhais nativos.

Com isso, seringueiros e colonos foram expulsos da zona rural contribuindo para o inchamento da periferia das cidades.

Diante do crescimento urbano nas cercanias da colônia, do desgaste e falta de condições para aquisição de tratores e implementos agrícolas para nova fertilização de suas terras, do crescimento da própria comunidade, da devastação acentuada da floresta do município de Rio Branco, o Padrinho Sebastião e seu povo decidiram ocupar novas terras, partindo para viver num seringal desativado no município de Boca do Acre, no Estado do Amazonas: o Seringal Rio do Ouro.

Na Colônia Cinco Mil permaneceram algumas famílias — cerca de 50 pessoas — vivendo sob a administração de um represen-

tante nomeado pelo próprio Padrinho. Funcionava como célula de apoio ao Seringal Rio do Ouro e, pela proximidade com Rio Branco, continuou recebendo visitantes.

A história do povo do santo daime vai então seguir por duas vertentes que se entrecruzarão.

O trabalho no Seringal Rio do Ouro era de desbravamento. Tudo estava por fazer. Em um ano (de 1980 a 1981), o Padrinho Sebastião e seus seguidores — cerca de 200 pessoas — ocuparam uma área de 13 mil hectares, explorando 20 colocações de seringa, produzindo 15 toneladas de borracha/ano, construindo 36 casas, plantando roçados e criando patos e galinhas, segundo dados de Vera Fróes.

A Colônia Cinco Mil vai então desempenhar uma função estratégica. A proximidade com Rio Branco representava um ponto-chave, mas era também uma faca de dois gumes. Por um lado, funcionava como apoio ao seringal, possibilitando o acesso a recursos e bens oferecidos pela cidade. Era também um filtro para novos adeptos. O número de pessoas interessadas em iniciar-se no santo daime foi crescendo. Alguns chegavam na colônia só para tomar a bebida ou participar de uma cerimônia. Outros vinham com a intenção de inserir-se na comunidade. Para estes, a Colônia Cinco Mil representava o início de um longo processo de iniciação, onde eram avaliados por membros mais antigos e graduados no grupo. Para viver no seringal com o Padrinho nem todos eram escolhidos.

Em Rio Branco, ainda hoje moram vários seguidores do santo daime. Destes, alguns faziam nesta época um verdadeiro trabalho diplomático buscando apoio junto a políticos para a causa do grupo.

Em contrapartida, a proximidade com Rio Branco criava problemas sérios. Com o crescimento do grupo e a atração que a doutrina passou a exercer em elementos das mais variadas procedências e camadas sociais, o Departamento de Polícia Federal de Rio Branco iniciou algumas investidas na região, abrindo um novo capítulo na história do povo do santo daime.

No final de 1981, um fazendeiro sulista com base num título de propriedade do início do século passou a reivindicar a posse da terra ocupada pelo povo do santo daime no Seringal Rio do Ouro.

A posição do Padrinho foi de recorrer ao Incri no sentido de evitar um enfrentamento, pleiteando uma nova terra e uma indenização pelas benfeitorias realizadas no Rio do Ouro.

Ao mesmo tempo, os Ministérios da Justiça e do Exército resolveram investigar a comunidade, a doutrina e, principalmente, as ervas utilizadas na região. Em nota de *O Globo* de 17/08/82, o Ministério da Justiça anuncia que vai investigar no interior do Acre “uma seita que cultiva a maconha e outro alucinógeno extraído de

um vegetal não identificado”. Nomeia para essa tarefa “uma comissão formada por um representante do Ministério do Exército, um da Promotoria Pública e um delegado da Polícia Federal”. E justifica sua ida dizendo “temer que o fanatismo religioso acabe levando (os quase 500 adeptos da seita) à prática de atos suicidas”.

A notícia da ida dos representantes da Justiça e do Exército ao seringal mobilizou todos os que de uma forma ou de outra encontravam-se envolvidos com a religião. Psicólogos, historiadores, antropólogos e representantes de outros ramos da ciência criaram uma Comissão Científica e partiram ao lado dos representantes do Exército e da Justiça.

O trabalho de investigação teve início em novembro de 82 terminando em janeiro de 83. O coordenador dos trabalhos foi o Coronel Guarino Monteiro do 4º Batalhão de Fronteiras do Exército. Tudo foi documentado em videocassete pelo cineasta Nilton Nunes.

Do anúncio das investigações feito por *O Globo* até os dias de hoje, muita coisa aconteceu na história do santo daime.

Um fato importante, e que certamente vem interferindo nos rumos dessa história, é o destaque que a doutrina e, mais especificamente, o santo daime vem ganhando na imprensa:

17/08/82 — *O Globo*: anúncio do início das investigações.

20/09/83 — *Folha do Acre*: investida policial na Colônia Cinco Mil destrói plantações de santa-maria, apreende cigarros da erva, prende mestre Wilson e acusa o ator da rede Globo Buza Ferraz como “principal suspeito de haver trazido a maconha de presente para a comunidade”.

30/09/83 — *Folha do Acre*: Padrinho Sebastião anuncia publicamente sua mudança do Seringal Rio do Ouro para o interior do Amazonas, estabelecendo o Seringal Céu do Mapiá.

06/11/83 — *Jornal do Brasil*: Edilson Martins escreve sobre pesquisa realizada em torno do daime, demonstrando sua expansão. “Nos primeiros tempos, essas seitas foram muito perseguidas pela polícia, mas hoje a repressão seria praticamente impossível. É cada vez maior o número de adeptos nas zonas rurais e na periferia. E também no próprio perímetro urbano. A classe média acreana, rondoniense e das áreas situadas nas fronteiras toma regularmente o daime.”

09/11/83 — *Veja*: Tenente-Coronel Athos Eichler Cardoso assume o comando do 4º Batalhão Especial da Fronteira e recebe pedido para legalizar o uso do santo daime.

19/11/83 — *Folha de São Paulo*: Márcio de Souza escreve falando sobre os cariocas convertidos à religião do santo daime: “A Amazônia não é nenhum eixo místico.”

12/12/83 — *Jornal do Brasil*: Membros da Colônia Cinco

Mil depõem na Justiça respondendo sobre o uso das ervas, continuando o inquérito iniciado em 20/09/83, quando foi preso o mestre Wilson.

13/01/84 — *Folha do Acre*: Intelectual contesta Márcio de Souza. O antropólogo Clodomir Monteiro, que participou das investigações em 82, apresenta a sua versão da doutrina.

24/08/84 — *Folha de São Paulo*: Alex Polari lança *O livro das mirações* e se confessa adepto da Doutrina do Santo Daime: “Saí das trevas da racionalidade para o iluminismo.”

02/09/84 — *Folha de São Paulo*: Coronel Guarino, que ordenou o inquérito, conclui em seu relatório ao então Ministro da Justiça, Abi Ackel: “As questões relativas ao santo daime e à santamaria não devem ser analisadas no âmbito militar ou policial. Devem ser estudadas por profissionais de sociologia, antropologia, medicina e história.”

06/11/84 — *Jornal do Brasil* — *Caderno B*: Reportagem intitulada “O novo misticismo” aponta um novo fenômeno na cidade do Rio de Janeiro: a conversão de segmentos da sociedade urbano-industrial a diversas tendências religiosas, entre elas o Santo Daime. A repórter entrevista o psicólogo Paulo Roberto Silva e Sousa, que se declara representante no Rio da Colônia Cinco Mil com sede em Rio Branco, no Acre.

Diz ele: “A Colônia Cinco Mil reúne o pessoal que idolatrou os Beatles, fez passeatas, tomou drogas, pessoas que viram falidas a possibilidade de *racionalizar*, tão valorizada nos anos 60. Com um crivo *intelectual* fortemente desenvolvido, questionam muito na hora de chegar à sua fonte *espiritual*. Já vi tantos marxistas, leninistas, trotskistas que chegaram ao materialismo total e com a experiência mística do daime passaram a ter fé.”

12/01/86 — *Folha de São Paulo*: Extensa reportagem sobre a União do Vegetal, de Rondônia e o Santo Daime, nos termos do repórter, “seitas religiosas que utilizam um chá alucinógeno — uasca — proibido pelo Ministério da Saúde”. O motivo de tal reportagem prende-se à sugestão dos psiquiatras Isac Karniol e Sérgio Seibel, membros do Conselho Federal de Entorpecentes, que sugeriram a liberação da uasca para a próxima reunião do Confen que debaterá o assunto.

Diz ainda a reportagem que o então Ministro da Justiça, Fernando Lyra, era favorável a uma nova legislação sobre o uso de tóxicos.

Anunciando que a polêmica em torno da liberação da uasca “poderá alterar os rumos da política do governo em relação às drogas”, os enviados especiais à Amazônia arrolam os vários envolvidos e as diferentes posições com relação ao chá e aos grupos religiosos que dele fazem uso.

Começa com a Igreja Católica na versão do bispo da Prelazia do Acre e do Purus, que acha que o uso da uasca “entre os brancos” é um problema de saúde pública. Chama os adeptos de “vítimas” e afirma que “essa bebida pode causar esgotamento nervoso, depressão, até mesmo com períodos de loucura”. Mostra-se ainda preocupado com os católicos envolvidos com a uasca e atribui este fenômeno à “fome de *magia*”: “talvez a liturgia da Igreja Católica tenha se tornado *racional demais*”.

O depoimento de um *antropólogo* a serviço da Comissão Pró-Índio em Rio Branco caminha no sentido oposto: “Essas religiões são a única expressão *cultural* realmente produzidas no Acre. De cada dez acreanos, pelo menos dois já tomaram o daime. Isso significa que, numa população de trezentos mil habitantes, no mínimo sessenta mil pessoas conhecem seus efeitos.” Entrevista ainda um *jornalista* acreano que diz que, ao contrário da Igreja Católica, onde para chegar a Deus necessita-se da “intermediação do padre, do bispo, do arcebispo, do Papa e da Virgem Maria, no daime, cada um fala com Deus diretamente”.

O *pastor luterano*, missionário entre os índios kulina, na região do Purus, ressalta o aspecto comunitário do rito que envolve a bebida entre os índios e é simpático à uasca. Um índio yarvanawá relata o mito de origem da bebida entre os índios de sua tribo, uma nação do tronco lingüístico pano.

Para estes índios, cujas aldeias se estendem desde a Bolívia até a região do Purus e Juruá, no Estado do Amazonas, “o cipó é como a voz do grande líder, que nos mostra como somos, como devemos ser, o que devemos procurar, e isso sempre dá muito alegria. Ele também exige respeito, porque é ao mesmo tempo vida e morte”.

O Centro Amazônico de Antropologia e Aplicação Prática, com sede em Lima, no Peru, citava, em janeiro de 1979, mais de oitenta trabalhos de pesquisadores sobre o uasca que na Amazônia Peruana é chamada de *ayahuasca*, expressão da língua quéchua que significa literalmente “vinha das almas”. A reportagem faz um breve histórico da introdução da bebida no Acre, concluindo que há pelo menos 15 igrejas no Acre, organizadas em torno do ritual da uasca. E que em Rondônia, floresce o Centro Espirita Beneficente União do Vegetal, dirigido por um mestre-geral que é auxiliado por diversos outros “mestres” classificados numa “rígida hierarquia”.

Os dois membros do Confen favoráveis à liberação da uasca são dois psiquiatras, um representante da Associação Médica Brasileira, professor adjunto de psiquiatria, da Universidade Estadual de Campinas, e outro, representante do Ministério da Previdência Social.

O primeiro, Isac Karniol, declara sua posição, discutindo a noção de “droga” e estabelecendo uma distinção entre o uso da uasca na Amazônia e nas grandes cidades do sudeste do país. Diz que uma decisão do Confen mantendo a proibição do uso da uasca “pode gerar uma violência cultural equivalente à criação de um campo de concentração na Amazônia”. Mas considera, ao mesmo tempo, que “o Conselho precisa levar em conta também os riscos da passagem desse uso para regiões urbanas mais complexas”. Para Karniol, “o problema é que a uasca tem fundas raízes culturais na Amazônia Ocidental, mas a Amazônia está contida num universo maior, o Brasil, que tanto do ponto de vista interno como do internacional considera prescritas as substâncias alucinógenas”. Segundo a reportagem, “o temor dos membros do Confen nasce do fascínio que os efeitos da uasca podem exercer sobre habitantes do sudeste do país, onde a Polícia Federal tem registrado índices crescentes de uso de drogas. Os relatos colhidos pelos dois psiquiatras enviados a Rondônia e ao Acre indicam que nos rituais, sob a ação do chá, os fiéis têm alucinações comparáveis às produzidas pelo LSD”. Karniol prossegue afirmando que no caso da uasca “não se trata de uma droga, no sentido comum do termo: é um fenômeno que merece estudos mais profundos”. E defende uma pesquisa que inclua o uso social do chá e as possibilidades de controle por parte do Estado, além das perspectivas de sua aplicação no tratamento de doenças mentais.

A reportagem acrescenta ainda uma declaração dos representantes do Alto Santo — centro do qual o Padrinho Sebastião saiu com seu povo para fundar a Igreja da Colônia Cinco Mil — sobre as divergências: “Não adianta fugir para longe do mundo. O certo é ficar aqui, porque não se pode mais ocultar nada sobre a doutrina. Mas também não devemos deixar que as coisas de fora se misturem com aquilo que o daimon representa desde milênios atrás.”

Provavelmente, eles estão se referindo à obstinação do Padrinho na busca de novas terras no interior da floresta amazônica (o Alto Santo fica no centro de Rio Branco) e à introdução da erva santa-maria (*Cannabis sativa*) nos rituais.

1986 — *Folha do Acre*: Artigo sem data precisa comenta a visita do governador do Estado do Acre à Colônia Cinco Mil, onde ele promete melhorar as condições de acesso da estrada que vai de Rio Branco até a colônia.

Na ocasião, Padrinho Sebastião explica as razões da mudança para o Seringal Céu do Mapiá: “A Colônia Cinco Mil já estava ficando pequena para a quantidade de gente que se juntou durante anos.”

01/02/86 — *Folha do Acre*: Notícia de Brasília informando que a liberação ou não da uasca, que foi classificada como “psicoativa” pela Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos (Dimed) do Ministério da Saúde em 13 de março de 1985, deverá ser anunciada naquele mesmo dia, após reunião do Confen, segundo informações do presidente do órgão, Técio Lins e Silva. Criticando a atitude da Dimed, Técio explica que a decisão levará em conta estudos sobre os rituais dos grupos que utilizam a uasca.

Diz ainda o jornal que o Confen discutirá a reformulação da lei que regulamenta a regressão e prevenção aos entorpecentes e que para o próximo dia 31, o Ministro da Justiça, Fernando Lyra, vai reunir todos os conselhos regionais ligados à política de entorpecentes para uma revisão da política nacional para o setor.

02/02/86 — *Jornal do Brasil*: Notícia de que a uasca foi retirada da lista de substâncias psicoativas e entorpecentes pelo Governo.

Após um curto período de clandestinidade — desde 13 de março de 1985, quando o Ministério da Saúde através da Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos havia prescrito o uso do chá (ver *Folha de São Paulo* de 12/01/86) — a uasca é liberada.

A notícia vem acompanhada de uma matéria com Alex Polari, seguidor da Doutrina do Santo Daime.

23/03/86 — *Jornal do Brasil*: Extensa reportagem no Seringal Céu do Mapiá, com declarações do Padrinho Sebastião, de Mirim, Chico Corrente (sobre a cura com o santo daime) e de Alex Polari (“O daime quer limpar e desocupar desta ilusória dimensão material para ficar só a serenidade e a cristalinidade do espírito”).

25/03/86 — *Jornal do Brasil*: Flávio Rangel comenta sobre a reportagem anterior, estabelecendo uma comparação entre os valores do século XX que criaram uma vida sem sentido “e a felicidade no Céu do Santo Daime” onde, segundo ele, “estão todos juntos no astral. Numa boa”.

09/05/87 — *Jornal do Brasil* — Caderno *Idéias*: Elias Fajardo comenta sobre “a literatura do daime”: alguns livros sobre a uasca.

Em primeiro lugar, temos que registrar a expansão da doutrina. Após o inquérito no Seringal Rio do Ouro, em 82, a comunidade não apenas cresceu, mas difundiu-se por outros pontos do país.

Em 83, o Padrinho mudou-se com seu povo para o interior da floresta amazônica — Seringal Céu do Mapiá. Neste mesmo ano, membros da Comissão Científica de 82 dizem-se adeptos e fundam novos centros, no Rio de Janeiro, em Mauá e em Brasília.

A discussão em torno da uasca forneceu elementos para uma reflexão em torno da noção de “droga”.



A conversão à doutrina de segmentos da sociedade urbano-industrial gera questionamentos e temores por parte de grupos religiosos, autoridades civis e militares e setores da sociedade civil.

Tudo leva a crer que estamos diante de um fenômeno bastante significativo na história contemporânea. A tendência da Doutrina do Santo Daime é de crescimento e de mudanças haja vista a incorporação permanente de membros das mais variadas camadas sociais, com histórias de vida e valores culturais diferenciados.

Por último, resta fazer algumas considerações quanto às características básicas doutrinárias e rituais. Sobre este ponto, fazemos uma análise referenciada na comunidade do Padrinho Sebastião baseada em material documentado em VT por Noílton Nunes no Seringal Rio do Ouro e em visita realizada por mim e Noílton na Colônia Cinco Mil, em janeiro de 83.

O Padrinho e a Madrinha são respeitados por todos e reconhecidos como o Pai e a Mãe da comunidade, representando na terra o Pai e a Mãe espirituais. A comunidade vive como uma grande irmandade, em alguns aspectos como uma “instituição total”. Seus membros ao entrarem para lá passam por um processo de conversão à doutrina, rompendo com sua vida até então. Muitos venderam bens e fizeram doações ao grupo. As terras e bens são de propriedade do Cefluris — entidade jurídica que representa a comunidade.

Em termos gerais, o que parece importar é o grupo, o todo, a comunidade, mais do que os indivíduos ou os núcleos familiares isolados. Neste sentido, a Comunidade do Santo Daime aproxima-se do modelo de sociedade descrito pelo antropólogo francês Louis Dumont como “holista”.

No plano do astral, do espiritual, “a base principal é o daime — diz o filho mais velho do Padrinho, designado por ele para ser o futuro líder e que já assume a administração da comunidade —, porque o daime é o mestre. (Nos trabalhos de cura) é só o doente chegar e falar com o chefe, já o mestre está sabendo o que vai acontecer”.

O mestre é Juramidam, comandante de todo o movimento do universo, entidade espiritual identificada com Jesus Cristo e o Pai Eterno (o Deus Pai dos cristãos). “Na espiritualidade, o daime toma o nome de Juramidam — continua ele. O daime é a bebida, mas na bebida tem o ser divino que vem da floresta. (...) A presença do daime é a presença do Cristo.”

Durante muitas noites (de 6 da tarde às 6 da manhã), a comunidade toma o daime, entoando hinos e dançando valsas, marchas e mazurcas. A maior parte desses rituais consiste em festas, onde todos, usando uma farda azul, cantam e dançam, celebrando e

entrando em contato com as divindades. Em ocasiões especiais, comemoram-se os principais santos do universo do santo daime. As datas acompanham o calendário católico, destacando-se Reis Magos, São Sebastião, Páscoa, São João, Finados, Nossa Senhora da Conceição, nascimento do mestre Irineu (o fundador da doutrina), na noite de 14 para 15 de dezembro, nascimento de Jesus. Todos vestem o uniforme de gala, a farda branca.

Além do daime, uma outra erva é consagrada — a erva santa-maria. Mesma erva conhecida por nós como *Cannabis* ou *maco-nha* e que no Maranhão chamam por *diamba*. Esta erva é muito utilizada em trabalhos de cura.

Daime e santa-maria são veículos que elevam os homens e mulheres da terra ao mundo espiritual, o Império do Mestre Juramidam e da Rainha da Floresta. A organização do astral é similar à da terra, com uma hierarquia entre os seres e entidades, cada qual ocupando o seu lugar, desempenhando sua função para manutenção do todo. O Pai e a Mãe espirituais são os senhores supremos deste universo, enquanto que o Padrinho e a Madrinha representam na terra este poder. Um dos pilares principais da doutrina, seguido na vida diária da comunidade, consiste na idéia de que o todo existe pela relação que as partes mantêm entre si. “Se não existisse o Sol, /o que era da Terra/o Sol é quem me dá Luz/e ilumina toda a Terra” — diz o verso do hino nº 150 do Padrinho Sebastião.

No trabalho de preparação do santo daime é onde mais se explicita a divisão entre os sexos. Os homens cuidam em prensar o cipó jagube — cortá-lo na mata, limpá-lo, amassá-lo com uma série de batidas fortes —, enquanto que as mulheres se ocupam em colher as folhas chacrona ou rainhas, limpá-las, ensacá-las. O processo final compete aos homens — lavagem, fervura, infusão e engarrafamento. Isso é feito numa casa santa, sem a participação das mulheres.

E por que a santa-maria junto do daime? Quem responde é o Padrinho Sebastião: “Mas quando a gente tem o pai, tem a mãe. Se o pai não cuida do filho, a mãe tá cuidando, sempre tem o maior cuidado no seu próprio filho. Quando o pai morre, a mãe tem dificuldade em se ver só. Assim nós temos o sol e temos a lua.”

## **Bibliografia**

- FRÓES, Vera. *História do povo de Juramidam*.  
 POLARI, Alex. *Viagem ao santo daime. O livro das mirações*.  
 ABREU, Regina. “*Daime Santa Maria: uma antropologia de áudios e imagens*”  
 in: *Comunicações do ISER* nº 10.

Impressão:

**REPROARTE**

rua do acre, 44 • 263-4249

*Neste terceiro volume da série Sinais dos Tempos, são apresentados artigos produzidos por cientistas sociais e religiosos do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) e do Instituto de Estudos da Religião (ISER) produzidos para subsidiar as discussões ocorridas em 1987 sobre o diversificado universo religioso brasileiro.*

*São textos que vão do verbete ao ensaio, da reportagem à etnografia, compondo um mosaico de muitas das vertentes religiosas existentes no Brasil, e certamente provocativos para quem se interessa por religião e cultura brasileira.*



Instituto de Estudos da Religião